

HISTÓRIA DA CIDADE NAS NARRATIVAS DE JOVENS ESCOLARIZADOS

Geysso Dongley Germinari

UNICENTRO

geysog@gmail.com

Esta comunicação apresenta os resultados da pesquisa de doutorado desenvolvida no Programa em Educação, na linha de pesquisa Cultura, Escola e Ensino, da Universidade Federal do Paraná. A pesquisa analisou, entre outros aspectos, a expressão da identidade histórica de jovens escolarizados em suas narrativas históricas sobre a cidade de Curitiba-Pr. A referência principal é a teoria da consciência história do filósofo da história Jörn Rüsen, que articula o passado como experiência e o presente e o futuro como campos de ação orientados pelo passado, e cujas funções essenciais são a orientação temporal e o estabelecimento de identidades históricas. As inferências nas narrativas históricas elaboradas pelos jovens escolarizados indicaram a formação de identidades acerca da história da cidade de Curitiba-Pr.

Palavras-Chave: História da Cidade; Narrativa Histórica; Jovens Escolarizados.

INTRODUÇÃO

A pesquisa desenvolvida no doutorado do programa em Educação, na linha de pesquisa Cultura, Escola e Ensino, da Universidade Federal do Paraná, tem como tema o ensino-aprendizagem de História, e enquadra-se nos debates internacionais da Educação Histórica, cujo foco é o estudos dos processos cognitivos de alunos e professores situados na epistemologia da História.

A perspectiva da Educação Histórica, também conhecida como pesquisa em Cognição Histórica Situada, vêm se desenvolvendo com certa intensidade na Inglaterra, Estados Unidos, Canadá, Portugal e Brasil. Segundo Barca (2005, p. 15):

Nestes estudos, os investigadores têm centrado a sua atenção nos princípios, tipologias e estratégias de aprendizagem histórica, sob o pressuposto de que a intervenção na qualidade das aprendizagens exige um conhecimento sistemático das idéias históricas dos alunos, por parte de quem ensina (e exige também um conhecimento das idéias históricas destes últimos).

A perspectiva da Educação Histórica apresenta-se, hoje, com fundamentação científica própria, baseada em áreas do conhecimento como a Epistemologia da História, Metodologia de Investigação das Ciências Sociais e Historiografia. Assim, a Educação Histórica constitui-

se como teoria e aplicação à educação de princípios que levam em conta os dados recentes da cognição histórica. Parte-se da premissa de que exista uma cognição própria da História, circunscrita à natureza do conhecimento histórico, ancorado na epistemologia da História.

As pesquisas em Educação Histórica, sustentadas nos pressupostos teórico-metodológicos do conhecimento histórico assumem, na atualidade, um conjunto de enfoques que podem ser resumidos em três núcleos: a) análises sobre ideias de segunda ordem; b) análises relativas às ideias substantivas; c) reflexões sobre o uso do saber histórico.

Um dos princípios constitutivos da Educação História, como campo de pesquisa, é de ordem teórica e diz respeito à relação intrínseca do ensinar História com o a teoria e a filosofia da ciência histórica. Nessa direção, as contribuições do filósofo da história alemão Jörn Rüsen (2001) acerca das relações entre a ciência da História com as tomadas de decisão na vida prática cotidiana têm permitido identificar alguns marcos da consciência histórica dos jovens, principalmente, quando narram a história. A consciência histórica é a consciência humana que fornece sentido temporal à vida, mediante a prática cultural da narrativa histórica, que fornece as experiências temporais representações de continuidade entre o passado, presente e as perceptivas futuras, sobre esse conceito Rüsen (2001, p. 149) destaca que:

O pensamento histórico, em todas as suas formas e versões, está condicionado por um determinado procedimento mental de o homem interpretar a si mesmo e a seu mundo: a narrativa de uma história. Narrar é uma prática cultural de interpretação do tempo, antropológicamente universal. A plenitude do passado cujo tornar-se presente se deve a uma atividade intelectual a que chamamos de “historia” pode ser caracterizada, categorialmente, como narrativa. A “história” como passado tornado presente assume, por princípio, a forma de uma narrativa. O pensamento histórico obedece, pois, igualmente por princípio, à lógica da narrativa.

Nesse âmbito, um das questões investigadas no doutorado, no seu estudo principal, foram as relações passado, presente e futuro nas narrativas históricas sobre a cidade de Curitiba-PR, produzidas por jovens escolarizados, do 1º ano do Ensino Médio, de escolas públicas da rede estadual do Paraná, localizadas na região sul de Curitiba-PR.

CONSCIÊNCIA HISTÓRIA E NARRATIVA

O trabalho da consciência histórica é feito em atividades culturais específicas, que Rüsen (2006, p. 122) chama de “práticas de narração histórica”. Desse modo, a consciência histórica existe nas práticas de narração histórica. Dito de outra forma, a narrativa é a expressão material do pensamento histórico. Assim, por meio da narrativa chega-se à forma da

consciência histórica constituída na mente dos homens. Essa prática cultural de interpretação do tempo é, de acordo com Rüsen (2001), antropologicamente universal.

Para Rüsen (2001, p. 60-61), a narrativa histórica refere-se a

[...] um ato de fala, cuja universalidade antropológica não pode ser contestada e com respeito à qual se pode demonstrar ser ela determinante da especificidade do pensamento histórico e, com isso, da peculiaridade do conhecimento histórico-científico [...] Em um ato de fala desse tipo, no qual se sintetizam, em uma unidade estrutural, as operações mentais constitutivas da consciência histórica, no qual a consciência histórica se realiza, com efeito existe: a narrativa (histórica).

Contudo, Rüsen (2006) não nega a existência de elementos não narrativos operando no trabalho da consciência histórica em que a representação narrativa do passado apresenta limites. Porém, o fenômeno cultural chamado História sustenta-se fundamentalmente na prática cultural da narrativa. Como ele afirma, “La forma lingüística dentro de la cual la consciencia histórica realiza su función de orientación es la de la narración. Desde esta visión, las operaciones por las cuales la mente humana realiza la síntesis histórica del tempo simultáneamente con las del valor y la experiencia se encuentran en la narración: el relato de una historia (RÜSEN, 1992, p. 29).

A narrativa histórica, como construção mental, difere de outros conteúdos da memória humana. Alguns aspectos caracterizam a narrativa histórica como elementos constitutivos do pensamento histórico geral e em particular do pensamento histórico científico.

No processo narrativo, alguns fatores são essenciais na formação da consciência histórica, os quais permitem diferenciar a narrativa histórica da multiplicidade de interpretações da experiência do tempo que utilizam a narrativa como instrumento. Em busca da especificidade da narrativa histórica como elemento de constituição de sentido sobre a experiência do tempo, uma questão geral é importante, ou seja, a tradicional distinção entre narrativa ficcional e não ficcional. Tal distinção origina-se de três especificações da operação mental da narrativa na vida prática concreta.

A primeira especificidade a se destacar é que a narrativa histórica rememora um passado distante, que ultrapassa as lembranças individuais, vai além do tempo de uma vida individual. Essa expansão temporal é condição fundamental para conferir ao passado a qualidade de histórico. Além disso, a perspectiva de futuro, aberta pela consciência histórica, também ultrapassa o limite de uma vida individual.

Como afirma Rüsen (2001, p. 63-64),

A lembrança flui natural e permanentemente no quadro de orientação da vida prática atual e preenche-o com interpretações do tempo; ela é um componente essencial da orientação existencial do homem. A consciência histórica não é idêntica, contudo, à lembrança. Só se pode falar de consciência histórica quando, para interpretar experiências atuais do tempo, é necessário mobilizar a lembrança de determinada maneira: ela é transposta para o processo de tornar presente o passado mediante o movimento da narrativa. A mera subsistência do passado na memória ainda não constitutiva da consciência histórica. Para a constituição da consciência requer-se uma correlação expressa do presente com o passado – ou seja, uma atividade intelectual que pode ser identificada e descrita como narrativa (histórica).

A segunda especificidade da narrativa histórica é que ela constitui a consciência histórica ao representar as mudanças temporais do passado, rememoradas no presente como processos contínuos. Nessa direção, as dimensões temporais (passado, presente, futuro) ganham sentido, e assim o passado, como experiência, torna-se significativo para o presente e o futuro. Essa interdependência entre passado, presente e futuro é concebida como uma representação da continuidade. Tal representação dá unidade às três dimensões temporais.

A prática cultural da narrativa histórica cria um sentido temporal para a vida humana, ou seja, cria um senso de que a vida pertence a uma dimensão temporal que inclui, numa única estrutura, o passado, presente e futuro. Dentro da teoria da história de Rüsen (1992 p. 29), a narrativa, como expressão da consciência histórica, é uma forma de constituição de sentido sobre o passado. Para este autor, a competência narrativa pode definir-se: “[...] como la habilidad de la conciencia humana para llevar a cabo procedimientos que dan sentido al pasado, haciendo efectiva una orientación temporal en la vida práctica presente por medio del recuerdo de la realidad pasada”. A competência narrativa de “dar sentido ao passado” está relacionada à articulação de três qualidades do ato de narrar: experiência, interpretação e orientação.

ESTUDO PRINCIPAL

Esse texto expõe alguns resultados do estudo principal realizado no doutorado, especificamente apresenta a análise de duas narrativas históricas de jovens escolarizados, de uma escola pública da rede estadual do Paraná, na região sul de Curitiba-PR. A apreciação das narrativas históricas selecionadas percebeu as representações de continuidade entre o passado, presente e futuro nas narrativas dos jovens escolarizados sobre a história da cidade de Curitiba.

De acordo com Lee (2008, p. 13) a História estuda o passado de uma determinada maneira, de acordo com certos critérios, o pensar o passado historicamente inclui pelo menos os seguintes critérios: a) produzir argumentos relativos às suas questões e pressuposições recorrendo à validade da história e a verdade das afirmações de fatos singulares; b) aceitar a existência de diferentes formas de contar histórias, chegando mesmo ao ponto de questionar as suas próprias versões; c) compreender “[...] a importância de respeitar o passado tratando as pessoas do passado como elas gostariam de ser tratadas, e não *saqueando* o passado para servir fins do presente”.

Lee (2008, p. 13) continua sua reflexão sobre as formas de relação com o passado:

Devemos reconhecer não só que nem todas as formas de pensar acerca do passado reconhecem estes princípios, antes lhes são contrários. Muitos, à semelhança de um advogado, um padre, ou um político, utilizam outros princípios em vez destes, uma vez que seu intuito é construir passados que eles desejam usar para propósitos práticos específicos e imediatos. [...] Isto não torna esses passados “práticos” ilegítimos, mas significa que não são históricos.

Sob essa perspectiva compreendo que os jovens curitibanos quando pensam o passado de Curitiba acessam prioritariamente um passado prático, pois recorrem a ele para justificar o presente “desenvolvido”, “exemplar”, “moderno” da cidade, elementos incorporados no “orgulho de ser curitibano”, como se pode observar na narrativa de Fábio, de 15 anos,

Curitiba evoluiu muito nos últimos 50 anos, muita coisa melhorou, a Urbanização e o transporte público foram os que mais se destacaram, pois foi principalmente isso que fez com que Curitiba fosse considerada como uma cidade modelo e agora com a construção do metrô isso tende a melhorar muito e Curitiba vai melhorar muito mais, a violência vai acabar, ninguém vai se stresar no trânsito pois ele também vai melhorar e o clima vai ser sempre frio de inverno.

Luciano, 15 anos, escola C turma Y, narrou assim:

Nos últimos 50 anos, Curitiba teve uma evolução geral, em termos públicos, pessoal de cada um e entre outros. Tantos foram os prefeitos e vereadores que de alguma maneira fizeram participação nos últimos 50 anos. Pensando cada vez mais nos habitantes que aqui vivem. Tais melhorias são a do transporte público, cheio de linhas à cada bairro, ônibus, terminais e pontos de ônibus. Pontos turísticos também são uma evolução da cidade, como os parques. São evoluções que beneficiam toda a população que habita a cidade, e além desses benefícios, quem sai ganhando, principalmente, é Curitiba.

Nessa direção, a relação dos jovens com passado da cidade não toma como referência os critérios da ciência Histórica, mas se sustenta em critérios práticos, matizados pelo discurso

e valores de um determinado projeto de cidade associado às ideias da “cidade modelo, planejada, exemplar, europeia, de primeiro mundo”. Tal compreensão sobre a cidade, como a investigação aponta, sofre influência da mídia e do próprio processo de escolarização, o qual não desenvolveu nos jovens dessa pesquisa as competências necessárias para uma relação histórica com o passado, nos termos colocados por Lee (2008) e Rüsen (2001).

Segundo Rüsen (2006), a consciência histórica, como um construto mental, distingue-se de outros conteúdos da memória humana, primeiramente porque refere-se à memória do passado mais distante, que vai além das lembranças individuais, ou, dito de outra forma, ultrapassa a extensão de uma vida individual. “A consciência histórica, assim, amplia o conceito de dimensão temporal da vida humana e o estende para muito além da duração da vida de uma pessoa; faz o trabalho histórico da rememoração”. (RÜSEN, 2006, p. 123).

O trabalho histórico de rememoração do passado permite aos homens a ampliação das suas dimensões identitárias construídas ao longo da vida. De acordo com Rüsen (2006, 123), a ampliação temporal da memória é uma condição necessária, para a qualidade “histórica” específica de retorno ao passado, porém, não suficiente. Essa qualidade fica completa, quando “a mente humana tem de satisfazer essa dimensão com “senso” que faz do passado, como experiência, significativa para o presente e para o futuro”.

Quanto à possibilidade da existência de diferentes relações com o passado, Carretero (2007), propõe uma tipologia de análise baseada em três diferentes sentidos da história. Este autor indica que existem três formas de representação do passado, localizadas de modo muito diferente na experiência social.

A história cotidiana, como um elemento da memória coletiva, que se insere na experiência dos membros de uma sociedade. Este tipo de história articula relatos compartilhados em torno da identidade, dos sistemas de valores e crenças comuns. A forma pela qual a história aparece na escola, principalmente vinculada nos materiais didáticos e programas. Por fim, a história acadêmica ou historiográfica, produzida pelos historiadores e cientistas sociais, segundo uma lógica disciplinar de um saber instituído sob condições sociais e institucionais específicas.

Segundo Carretero (2007), essas representações do passado apresentam três versões muito diferentes em seus conteúdos, e que podem chegar à contradição e o conflito. Tais representações do passado influenciam na construção do sujeito moderno.

Mais que três tipos de registro sobre o passado excludentes trata-se de três níveis de estruturação de narrações, que quando inter-relacionadas dão forma a diferentes domínios da subjetividade. De acordo com Carretero (2007, p. 37), os domínios subjetivos são:

los esquemas conceptuales , causales y temporales; b) la emotividade (ambos em relación con la articulación narrativa del sentimiento de identidad colectiva em la historia escolar); c) la producción comum da realidade (en tanto codificación del sentido de la actualidad em la forma de la historia cotidiana, que incluye cruces importantes con la comunicación mediática y los nuevos dispositivos de información), y d) la construcción del saber em relación con la institución de la historia académica (fundada em la relación entre teorías, datos, registros objetivables y posibles interpretaciones de ellos)

As diferenças entre as três formas narrativas do passado (acadêmica, cotidiana e escolar), ficam mais evidentes quando incorpora-se à análise a dimensão social que cada uma delas se executa. Em relação às narrativas dos jovens participantes do estudo principal, pode-se estar diante, de acordo com Carretero (2007), de um tipo de estrutura narrativa, cujo registro do passado é marcado pelo domínio subjetivo da produção comum da realidade, codificada pelo sentido da atualidade na forma da história cotidiana, a qual mantém estreita relação com a comunicação mediática e os meios de informação e, também, de uma narrativa que se relaciona ao passado matizado pela história escolar vinculada, principalmente pelos materiais didáticos e programas curriculares.

Ademais, percebi que há contradições entre a história vivida pelos jovens da minha pesquisa e a articulação da sua consciência do passado da cidade, (influenciada pelo processo de escolarização e pelo discurso oficial) e a formação das suas identidades acerca da cidade de Curitiba.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exame das narrativas dos jovens estudantes que vivem em Curitiba expressa sua consciência histórica em relação à cidade. Esse estudo aponta para a necessidade de desenvolver pesquisas sobre a relação dos alunos com a história local, a partir de narrativas históricas. Nesse sentido, o quadro conceitual proposto por Rüsen (2001) orienta as pesquisas acerca da relação entre narrativa e as consciência histórica de jovens. As contribuições para a discussão epistemológica acerca das relações da história com a vida prática têm possibilitado identificar alguns caminhos de análise da consciência histórica de jovens. De acordo com Rüsen (2001), por seu papel em nos orientar no tempo, a consciência história tem duas funções essenciais: orientação temporal da vida prática externa e interna.

REFERÊNCIAS

BARCA, I. Educação Histórica: uma nova área de investigação? In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES DE ENSINO DE HISTÓRIA, 6. 2005, Londrina. **VI Encontro Nacional de Pesquisadores de Ensino de História**. Londrina: Atrito Art, 2005. p. 15–25.

CARRETERO, M. **Documentos de identidad**: la construcción de la memoria histórica em un mundo global. Buenos Aires: Paidós, 2007.

LEE, P. Educação histórica, consciência histórica e literacia histórica. In: ESTUDOS DE CONSCIÊNCIA HISTÓRICA NA EUROPA, AMÉRICA E ÁFRICA. **Actas...** Braga: Uminho, 2008. p.11-32.

RÜSEN, J. El desarrollo de la competencia narrativa en el aprendizaje histórico: una hipótesis ontogenética relativa a la conciencia moral. **Propuesta Educativa**, Buenos Aires, n. 7, p. 27-36, 1992.

RÜSEN, J. **Razão Histórica**: teoria da história: fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

RÜSEN, Jörn. Historiografia comparativa intercultural. In: MALERBA, J. (Org.). **A História Escrita**: teoria e história da historiografia. São Paulo: Contexto, 2006.